

KEF REFERENCE 205

# Reserva especial

**A KEF Reference Series é como o vinho Barca Velha: só se produz em anos de co-  
lheitas de qualidade excepcional – 2002 é um desses anos. Depois de três anos  
de estágio em cascos de forma elíptica, eis que o som nos é servido com a crista-  
lina claridade do original**

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

O SOM, PODE LER-SE NA EXCELENTE BRO-  
chura da KEF Reference Series, é um dos  
grandes prazeres da vida – quanto mais se pro-  
va mais exigente se fica. E os novos formatos  
de alta resolução – SACD e DVD-Audio – não  
perdoam erros no complexo processo de trans-  
dução de sinais eléctricos em ondas sonoras.

As actuais KEF Reference não são apenas  
a versão MkII de modelos anteriores, são uma  
nova realidade acústica, fruto de longos anos  
de experiência, na qual, para cada aspecto  
fundamental da reprodução correcta de músi-  
ca gravada, foi encontrada uma solução en-  
genhosa, sempre na convicção de que em áu-  
dio a função deve prevalecer sobre a forma. O  
resultado final, em termos estéticos, pode as-  
sim não ser do agrado de todos. Há quem as  
ache estranhas e bonitas ou quem as ache  
igualmente estranhas e pura e simplesmente  
feias. Os gostos não se discutem?

Na ausência forçada do radical topo de ga-  
ma da série – as 207 –, ainda em fase de afi-  
nação, convivi durante algum tempo com as  
205, o modelo imediatamente abaixo na hie-  
rarquia «Reference», composta ainda pelos  
modelos 201 e 203 e as centrais 202c e  
204c para aplicações AV.

Podia mostrar aqui serviço enchendo duas  
ou três páginas com os principais aspectos téc-  
nicos que, na linha da actual crítica áudio, seri-  
am directamente transcritos da excelente bro-  
chura promocional (basta pedi-la). Como sem-  
pre, prefiro ser mais emocional na minha abor-  
dagem e transcrever as notas soltas que foram  
sendo registadas no papel ao sabor das audi-  
ções. É verdade que uma imagem vale mais  
que mil palavras e as fotos falam por si. Mas  
a tentação de uma descrição, ainda que míni-  
ma, é grande, porque é preciso nomear para  
compreender e a emoção solta-nos a palavra.

Retire as grelhas, algo que, aliás, deve fazer  
sempre que se dispuser a audições críticas pro-  
longadas e não apenas informais, pois afectam  
o timbre, um efeito patente na vocalização das  
sibilantes (oiça-se «Drão», de Caetano Veloso,  
com e sem grelha) e deslumbre-se com a be-

leza high-tech dos acabamentos. Antes de sal-  
tar aos ouvidos, a qualidade salta aos olhos.

Em perfeito alinhamento geométrico, recor-  
tados no leito acetinado de madeira natural  
(faia, cerejeira ou negro-antracite) surgem por  
ordem descendente o famoso altifalante dual-  
concêntrico Uni-Q – ex-libris da marca – e du-  
as poderosas unidades activas de graves com  
seus pórticos privados. O primeiro tem cravado  
na garganta um tweeter elíptico de cúpula de ti-  
tânio, e é esta conjugação feliz a principal res-  
ponsável pela extraordinária lucidez na repro-  
dução da voz humana que, aliada à notável lim-  
pidez do som do piano, funciona como refe-  
rência psicoacústica na posterior «explanação»  
do resto do espectro audível, razoavelmente  
isento de artifícios de dissonância ou eufonia: da  
audição fica-nos uma ideia de precisão e con-  
trole patente na qualidade da «dicação» (inteli-  
gibilidade dos sons) – controle que não deve ser  
confundido com frieza, pois nem sempre é a voz  
embargada o veículo privilegiado da emoção.

Os altifalantes de graves são uma parelha  
de respeito e trabalham em conjunto, embo-  
ra as câmaras independentes sejam de di-  
mensão diferente, logo com pendentes dife-  
rentes também: mais pequena a do altifalan-  
te superior para permitir uma integração mais  
suave com os registos médio-graves do Uni-Q.  
Os tapa-poeiras semitransparentes têm a sen-  
sualidade de um negligé sobre os seios firmes  
de uma mulher, como firmes e bem projec-  
tados são os graves que reproduzem.

Sobre a calva da caixa acústica em alumínio  
da unidade Uni-Q, que fica a descoberto mes-  
mo com a grelha no lugar, está montada a ce-  
reja no bolo, o hypertweeter, que torna as KEF  
Reference, a par das Tannoy Dimension (tam-  
bém distribuídas pela Videoacústica), das pou-  
cas colunas de série no mundo aptas a repro-  
duzir a extensa resposta em altas frequências  
dos novos formatos áudio SACD e DVD-Audio.

Já convivi com colunas famosas de preço es-  
tratoférico, cujos acabamentos são pouco me-  
nos que artesanais, quando comparados com  
esta exibição de design funcional e competência  
técnica. Longe vão os tempos em que munido  
de uma prancha de madeira, meia-dúzia de pre-



gos e três altifalantes importados à candonga  
conseguiu construir umas colunas KEF 102B em  
tudo semelhantes às originais, comercializadas  
ao dobro do preço no Reino Unido. Até tocavam  
bem! Agora resta-me meter a viola no saco. As  
KEF 205 parecem ter sido construídas por um  
robot inteligente. E contudo, sente-se que há nel-  
as o carinho da mão humana, porque um pro-  
duto destes só se pode construir com amor – e  
por amor à arte; uma mão que se responsabiliza  
por elas e assina por baixo.

Claridade é o termo que melhor define a  
performance das KEF 205. Na minha já longa  
experiência, esta claridade tem sido até agora  
apanágio apenas de colunas sem caixa ou,  
como é o caso, com «caixa virtual», que não  
contribuem assim com a sua quota de colo-  
rações. Não há aqui o «tempo tonal» que  
distingue as Sonus Faber; o delicioso recato  
proporcionado pelas unidades de fita (ribbon),  
como o das Pièga C40; ou a insustentável  
leveza da transdução electrostática, como a  
das Quad e Martin-Logan. As KEF 205 são  
pão-pão-queijo-queijo: o que entra sai, embo-  
ra tenha dúvidas que alguns engenheiros de  
som pretendam que se oiça tudo o que está  
no disco com tal frontalidade e franqueza.

Por claridade, entenda-se a capacidade pa-  
ra definir, separar, destrinçar cada fio do com-  
plexo tecido instrumental. Está muitas vezes  
associada a uma ênfase nos registos médio-al-  
tos, cuja presença aqui é benigna. Não con-  
fundir com transparência que é a propriedade  
do excipiente acústico ambiental que nos per-  
mite ver mais longe, dentro e para dentro do  
palco sonoro. A primeira está relacionada com  
a pureza tímbrica (leia-se ausência de colora-  
ções), a segunda confunde-se com a volume-  
tria da imagem estereofónica, embora não se-  
ja exactamente a mesma coisa, e depende  
muito das condições acústicas da sala e da  
precisão da colocação das colunas de som.

No meu caso, admito que as condições não  
eram as ideais em termos de espaço: as 205  
não substituíram as Martin Logan Oydsey na sa-  
la nobre, acolitadas por amplificação Krell, an-  
tes resolvi submetê-las à dura prova de actuarem  
num espaço exíguo típico de uma casa portu-